

Sangue Sábio

*Your tired empire's fallen
Victim to your unease
You could make yourself so useful
If you'd get on your knees
And I know why you go so slow*
The Operative, Cabaret Voltaire

Queria matar o governador. Ou o candidato a presidente. No entanto esses políticos graúdos contam com grande aparato de segurança que impediria qualquer crime ao primeiro piscar de olhos. Pouco adianta se aproximar num evento público com a ilusão de que se está perto dessas figuras de poder. Haverá toda uma bolha de proteção em torno de suas carapaças como a distinguir a lonjura entre esses imperadores eleitos e os meros e reles mortais. Deus está do lado deles, mesmo que contra a Própria vontade.

É preciso eliminar seus fiéis. O rebanho que garante o trunfo nos pleitos, as carreatas das vitórias como se desfilassem em charretes de ouro voltando vencedores de um conflito depois pincelado em pedra como registros nas páginas do velho testamento. Eu estava disposto a redigir minha própria Escritura. Era bom com arma de fogo e tiros.

Na infância, o pai levava-me pela mão para treinar quando estávamos no campo. Exercitei a mira em direção a latas de azeite e garrafas vazias. Aprendera a não tremer o pulso, não desviar do objetivo. Não mudara muito desde então. Meus alvos continuavam sendo latas de azeite e garrafas pet como recipientes vazios e descartáveis. Que votavam na escória eleita pela plebe e pela elite.

Estas já não se diferenciavam tanto de longe, era necessário chegar perto para discerni-los. Na distância todo mundo é igual. Votavam à esquerda e à direita. Precisava separar o joio do trigo. Tornei-me um serial killer de eleitores do PSDB. Na impossibilidade de liquidar com seus reis.

Não existem reis sem súditos. Mas estes pareciam se multiplicar à medida que os eliminava. Pois seus governantes sempre se reelegiam. Há uma década que exerço a função exterminadora de dar cabo dessas legiões de seguidores da extrema-direita política. Faltava água em São Paulo, mas os responsáveis pelo desabastecimento permaneciam no topo do poder pela vontade popular. Penso se formasse uma tropa de outros igualmente empenhados em idêntico fim na matança esquemática e generalizada.

Melhor esquecer. Não há lugar hoje para as sociedades secretas e conspirações coletivas. Poucos estariam dispostos a se comprometer mantendo-se nas sombras, em lutar contra o mundo, no entanto em guerra silenciosa sem ostentar essa mesma luta. E vivíamos em uma nação pacífica demais para que ela se convertesse num país de terroristas.

Agia como um matador profissional. Tornava muitas das eliminações parecendo acidentes, mortes provocadas por assalto, quedas de lugares muito altos ou até suicídios. Certa vez cheguei aos requintes da castração ao acoimar um impune conhecido por assediar e abusar mulheres utilizando-se das suas escalas de poder. O outrora opressor gemia lancinante e aos gritos sob os golpes do facão ensanguentado. Eu realmente tinha todo o jeito, porém jamais me submeteria à prática de aluguel. Só levava a cabo dar fim a uma vida se movido muito além do dinheiro. Enriqueceria se contratado por mandachuva e empresários para matar seus incômodos desafetos e inimigos. Mas então já não era comigo, eu precisava de uma justificativa verdadeira e nobre para levar adiante a vida que me coubera sem que me causasse espécie alguma de desconforto. Minha intenção não era extinguir com toda a oposição no Brasil, esta deveria continuar existindo. Mas a do terrorista como justiceiro. A procura de um equilíbrio que poderia ser impossível, mas buscando reduzir o número de elementos que defenestravam os princípios mais positivos da esquerda nacional. Era como um cavaleiro solitário transformado em assassino em série, tão hábil que a polícia sempre ao investigar as mortes nunca as relacionara nem levantava a hipótese da ideologia partidária como motivo comum dos crimes, visto serem as vítimas comuns cidadãos e irrelevantes em termos de política para que fosse cogitada essa suspeita. Elas apenas estavam impedidas de continuarem indo as urnas.

Mesmo com o critério ideológico eu precisava de outros para amainar uma dor na consciência que pudesse me atingir no futuro ou ao chegar à cena do crime. Diversas de minhas vítimas em potencial eram pais de famílias ou donas de casa, alguns trabalhavam duro para fechar o orçamento do mês, fora os estudantes que pregavam em paz uma visão conservadora sem ferir os direitos de terceiros. E quem garante que não poderiam mudar de lado em algum pleito seguinte? Dediquei-me a caçar os sobretudos reacionários, preconceituosos, homofobos, difamadores, nocivos e perseguidores dos direitos humanos e das liberdades individuais. Os que pregam que o mínimo estava alto demais ou reclamam por privatizações, abençoando a ordem, o capital e o trabalho explorador. Com as redes sociais a caça por eles crescera em eficácia, mas meu trabalho

começara em anos anteriores. Ainda assim nunca fora árduo encontrá-los, eles faziam questão de estarem em toda parte. Como havia deles pelos quatro cantos!

Nas ruas, cada vez mais automóveis, como que desgovernados, só faltando dar caça aos transeuntes, esmagando-os sobre o chão ou contra as paredes dos edifícios. Se pudesse incendiaria e amassaria a lata de muitos dos carros, e mais de uma vez o fiz, mas meu serviço era perigoso o bastante para que me limitasse a acabar apenas com quem dirigia os veículos. Transitava entre a cidade e o campo como se andasse em círculos. Não cheguei a me tornar propriamente um Robin Hood, ainda que se sequer tirasse dos ricos além do direito que praticavam tão indevidamente de exercer a cidadania eleitoral, ao menos garantia aos desfavorecidos uma chance maior com a eliminação dos que se mantinham como empecilhos às transformações das causas mais sagradas. Levou pouco tempo para perceber que até nas classes menos afortunadas eu precisava dar cabo de minha missão. A tarefa se tornava um tanto difícil de continuar quando pensava nela em relação ao objetivo de impetrar um saldo final perto do satisfatório.

Como um xis-salada em uma lancheria de esquina e três horas depois abato com um tiro de espingarda de cima de uma árvore um tucano eleitor há tempo esperado que vinha resfolegando dentro de uma pequena caminhonete na estrada vazia que levava a um campo afastado ou, a rigor, pra lugar nenhum. Permaneço alguns minutos quieto sentado sobre o galho forte, chapéu escuro de abas longas quase tapando os olhos, o rifle repousando calmamente entre o peito e o ombro. Colecionava em casa armas de cano curto e diversos tipos de carabina. Um profissional necessita estar munido das suas ferramentas. Ainda conservo-me imóvel, demoraria a chegar algum tipo de préstimo ao cadáver tão próximo, e se surgisse alguém seria um indivíduo qualquer inofensivo o qual de longe dando sinal de sua vinda naquela ou outra estrada vicinal não me impediria de descer da árvore e avançar até o carro escondido na mata para evadir. Nessas horas, e apenas nessas, era bom ter um carro a disposição, de preferência que fosse um diferente a cada crime. Um carro velho, mas decente, que não nos deixasse na mão. As mortes cada vez se tornam mais fáceis. Os inimigos que estavam longe de diminuir. O enfado era inevitável, como que frustrado pela luta inútil, matava um aqui, nascia outro ou mais logo adiante.

Com o tempo as minhas ações continuavam pela força do hábito, carregado sempre de uma ilusão de debelar um pouco que fossem as forças do mal, ao invés de propriamente acreditando numa vitória incondicional. A queda presumida do anjo

exterminador. Perguntava-me se era matando que resolveria um quinhão das mazelas do mundo. E a que bem eu servia? Ergo meu chapéu sobre a testa, olho o caminho, sinal algum de vida. Sentia-me impelido pelo peso do gesto de uma repetição, como que cumprindo um papel que se reduzia a uma função decorativa, quase mecânica, movido como uma marionete sabe lá por qual ente superior. Tencionava diminuir com a violência eliminando os malfeitores, assassinos, estupradores, mas esta violência de acordo com os jornais e a própria realidade que víamos só aumentava em números, certamente impulsionada pelos meus próprios atos para acabar com ela. Os pássaros que vojavam naqueles campos é que eram livres ainda que condenados a igual fim como nós. Só restava-me retornar à mesma lancheria para um café e quem sabe outro xis-salada e esperar a hora de pegar o meu chapéu, pedir a conta e bater em retirada.

Vladimir Lazo é estudante de Filosofia-UFPEL e escreve no portal Cineplayers.